

**OS LIAMES ENTRE CLARICE LISPECTOR E HEIDEGGER EM TORNO DA  
LINGUAGEM**

Gildete dos Santos Freitas

# OS LIAMES ENTRE CLARICE LISPECTOR E HEIDEGGER EM TORNO DA LINGUAGEM

Gildete dos Santos Freitas

**Resumo:** O propósito deste trabalho é aproximar a prosa poética de Clarice Lispector e as reflexões filosóficas de Martin Heidegger em torno da linguagem. Embora os dois autores pertençam a universos diferentes, em nossa interpretação, tanto um quanto o outro compreenderam a linguagem como um mundo a ser redescoberto constantemente. Clarice, com sua escrita transbordante de poesia, e Heidegger, com sua reflexão filosófica, pensaram a linguagem na dimensão do estranhamento, fato provocador para que o homem possa experimentar a linguagem para além dos signos linguísticos desconectados da existência. A linguagem, a partir dessas duas compreensões, é um espaço de invenção, onde todas as potencialidades do indivíduo são despertadas para dizer o mundo e a vida na contingência das palavras.

**Palavras-chave:** Linguagem poética, Nada, pensamento, existência.

**Abstract:** The purpose of this paper is to identify the similarities, in terms of language, between the poetic prose of Clarice Lispector and the philosophical reflections of Martin Heidegger. In spite of the fact that, in our opinion, these two authors belong to different worlds, both of them understood language as a world to be continuously rediscovered. Clarice, with her poetic-filled prose, and Heidegger, with his philosophical thinking, both thought about language from the element of surprise, a provocative means by which man can experience language beyond the disconnected linguistic signs of existence. Through these two interpretations, language becomes a space for creation where all of the capacities of the individual are awakened to express in words how he/she perceives life and the world.

**Keywords:** Poetic language, Nothing, thought, existence.

Primeiramente, gostaríamos de salientar que estabelecer uma aproximação entre a escrita de Clarice Lispector e a reflexão ontológica de Heidegger sobre a linguagem constitui-se como um desafio, tendo em vista o nosso hábito de pensar filosofia e poesia enquanto domínios diferentes. O próprio Heidegger, na fase de sua filosofia conhecida como “viragem” (passagem do filosófico para o poético), teve seu pensamento envolvido por muitos mal-entendidos, ao propor uma nova abordagem filosófica diferente daquela empregada em *Ser e tempo*. Se em *Ser e tempo* Heidegger pensa sobre o esquecimento do ser procurando refazer o caminho da metafísica, apontado por ele como a causa desse esquecimento, em seus escritos posteriores a linguagem passa a ser o centro de suas discussões. É o que ocorre no texto *A caminho da linguagem*, no qual Heidegger estabelece um íntimo diálogo com a poesia, sobretudo com seus poetas prediletos, como Hölderlin, Rilke, Stephan George e Trakl. A linguagem, por sua vez, agora é concebida como a “Casa do ser” (HEIDEGGER, 2003, p. 127), a habitação dos mortais. Nessa concepção, a linguagem poética é pensada como o caminho que nos leva de volta para o sentido genuíno da existência, isto é, a linguagem no espaço da poesia proporciona o encontro com nosso sentido existencial, um sentido subjetivo que ultrapassa a trivialidade do nosso cotidiano. Esse intercurso heideggeriano com a poesia fora apontado como estranho, como se ele tivesse substituído os conceitos filosóficos pelo emprego idiossincrático de metáforas que colocariam sua filosofia num plano duvidoso.

Contudo, alguns intérpretes, como Benedito Nunes, entendem que a proposta heideggeriana em aproximar filosofia e poesia mediante um diálogo com alguns poetas refere-se

[...] à querela de longa data entre poesia e filosofia, já invocada por Sócrates perante Glauco, no livro X de *A república*, para sancionar, em definitivo, a decisão filosófica do banimento dos poetas. Pois agora, em Heidegger, é a voz da Poesia que prevalece sem alijar a da Filosofia, convertida em instância interpretativa solícita da primeira, quase uma serva dos textos poéticos escutados. [...] Talvez seja, essa nova atitude hermenêutica, o momento em que a velha querela platônica se reverte num movimento de aproximação compreensiva entre Filosofia e Poesia, essas inimigas fraternas que nem sempre se hostilizaram. (NUNES, 1993, p. 81-82)

Pensando nessa querela de longa data, acreditamos, assim, que a principal dificuldade que encontramos na construção do presente texto advém exatamente dessa resistência em pensar a linguagem fora dos padrões linguísticos e aproximar a filosofia da poesia, sem, com isso, descaracterizar a linguagem de cada uma.

Acreditamos ser possível fazer uma aproximação de alguns elementos pensados por Heidegger e a prosa poética de Clarice Lispector, uma vez que a experiência que a própria escritora faz com a linguagem está muito mais próxima da poesia e da filosofia do que propriamente da prosa. Embora Clarice Lispector não tenha escrito um tratado filosófico, sua escrita inaugura uma literatura pensante que traz uma linguagem ligada à dimensão filosófica, sobretudo no que se refere à relação entre linguagem e condição humana envolvida por questões que escapam ao nosso entendimento, mas que nos abrem a possibilidade de pensar sobre nossa condição irremediavelmente finita.

O elemento comum que tentaremos estabelecer entre Clarice Lispector e Heidegger é, pois, a problematização que cada um, a seu modo, tecerá em torno da linguagem. Clarice teceu seus escritos num ato de desconstrução do modo habitual de compreender a linguagem. Sua escrita peculiar desconcerta e viola as leis da gramática, pois o sentido das coisas aparece no instante em que as palavras são pensadas e escritas. As palavras, nessa perspectiva, não obedecem a um princípio lógico que busca uma justificativa causal para as coisas.

Heidegger, por sua vez, pensou a linguagem poética como meio de ultrapassar os conceitos que ditam o nosso modo de ser no mundo. Assim, ambos compreendem a linguagem respaldada pela possibilidade de transformação, a linguagem como via para promover, no universo humano, uma reflexão sobre o sentido da existência. O homem é o único ser capaz de perguntar pelo sentido de sua existência, mas, muitas vezes, a resposta para esse sentido lhe falta e, diante dessa falta de sentido, desse nada, só lhe resta, então, inventar um sentido. A linguagem é o único recurso, ela é a paisagem onde “se encontra tanto a terra do poeta como o lugar onde habita a norma cinzenta, ou seja, a antiga deusa do destino” (HEIDEGGER, 2003, p. 131) que tece nossas existências.

A linguagem poética surge tanto no universo clariceano quanto no heideggeriano, como uma alternativa para convivermos com a absurdidade da existência que se torna dolorosa no momento em que tomamos consciência de sua incompreensibilidade. O tempo é a abertura misteriosa por onde escoia nosso ser. Nesse sentido, a dicção poética é a que mais se aproxima do mistério do tempo, pois a linguagem poética se faz no fluxo do tempo, não fixa o sentido das coisas e não nos traz nenhum esclarecimento sobre nossa existência. Devido a essa desobrigação em fixar conceitos é que a linguagem poética, segundo Heidegger, não deve ser confundida nem com a linguagem erudita nem com a linguagem científica. A linguagem poética possui uma originalidade ímpar que se ergue para além da técnica e da linguística. O grande desafio a que a linguagem poética nos convoca é deixarmos que ela fale por ela mesma, independentemente de nossas falas habituais e dos conceitos que parecem nos abrigar da desordem e das vicissitudes da existência.

Entendemos que a insistência de Heidegger em convocar a poesia como “morada do ser” não é uma atitude apenas pessoal, mas, acima de tudo, uma atitude comprometida com o próprio destino do pensamento humano, que, segundo sua interpretação, se encontra numa grande crise; uma crise que aponta para a urgência em encontrarmos na própria fraqueza e indigência do pensamento a fecundidade do verdadeiro sentido de morar na linguagem e na linguagem colocar-se à escuta do ser.

Por isso é que Heidegger, em *A essência da linguagem*, é incisivo ao dizer que, para fazermos uma experiência com a linguagem, “é indispensável perdermos o hábito de só ouvir o que já compreendemos” (HEIDEGGER, 2003, p. 122). Tarefa difícil para nós que estamos acostumados

a nos relacionar com a linguagem apenas para comunicar o que nos define, o que nos é dado para falar. De modo que em um outro texto, Heidegger, inspirado pelas palavras de Hölderlin, problematiza:

Mas aonde nós, os humanos, podemos nos informar sobre a essência do habitar e da poesia? Aonde o homem assume a exigência de adentrar a essência de alguma coisa? O homem só pode assumir essa exigência a partir de onde ele a recebe. Ele recebe no apelo da linguagem. Mas isso, certamente, apenas e enquanto o homem já estiver atento à essência da linguagem. Todavia, circula no planeta, de maneira desenfreada e hábil, um falatório, um escrever e uma transmissão de coisas ditas. (HEIDEGGER, 2002, p. 167)

Desse modo, nós nos movemos em falatórios que exprimem a compreensão mediana que tudo compreende sem nada compreender propriamente, fechando a possibilidade de um dizer, de um escrever, de um ler e de um escutar atento à voz da linguagem originária. Nesse sentido, o pensador alemão sugere que o pensamento e os poetas são os verdadeiros guardiões da linguagem, pois somente eles são capazes de experimentar a linguagem em seu sentido originário, isto é, como morada do ser e como inovação ontológica. Isso equivale a dizer que a linguagem originária, para Heidegger, é a própria poesia enquanto linguagem essencial por excelência. O rigor dessa afirmação consiste numa compreensão de linguagem que ultrapassa o corrente sentido de linguagem como simples instrumento de comunicação (falatório). No entanto, é preciso lembrar que, para Heidegger, nem toda poesia tem capacidade de fundar o ser na linguagem. Conforme dissemos anteriormente, Heidegger tem predileção por alguns poetas. Essa predileção não é por acaso, e sim devido ao modo como esses poetas se entregaram ao chamado da linguagem. Em um diálogo pensante com o dizer poético de Georg Trakl, por exemplo, Heidegger diz que “a conversa do pensamento com a poesia busca evocar a *essência* da linguagem para que os mortais aprendam novamente a morar na linguagem” (HEIDEGGER, 2003, p. 28).

Colocar-se à escuta da linguagem e experimentá-la para além dos hábitos da fala é expor-se ao domínio do estranho, e essa estranheza gera angústia e solidão, pois nosso pensamento calculador e nossa linguagem habitual — imediatamente compreensível — tornam-se impotentes e falhos diante de acontecimentos inusitados que desequilibram nossos pequenos hábitos e costumes. A linguagem poética é, nesse caso, irreversivelmente estranha, pois ela não nos serve para prestarmos conta sobre nossa existência, não nos fornece nenhuma informação sobre os entes, não nos ajuda a resolver e nem dizer nada de importante para os negócios humanos, não causa nenhum efeito; não classifica nada, não nos diz o que é o bem e nem o que é o mal, escapando, assim, de toda justificação teórica ou moral.

Desse modo, Heidegger afirma que fazer uma experiência com a linguagem é algo distinto de obter conhecimentos científicos sobre ela, tomando-a como mais um objeto delimitado do qual se pode dispor e dominar de acordo com nossa vontade. Para Heidegger, o homem que se comporta como se fosse o criador e soberano da linguagem não poderia escutar seu apelo que o convoca para a escuta, um escutar no sentido de um deixar-habitar — “da exposição do homem a si mesmo e ao ser” (NUNES, 1992, p. 198). Nesse deixar habitar, o homem tende, por excelência, a construir, edificar e a criar no sentido de *poiesis*. Nesse sentido, por mais que o homem pense que domina a linguagem, ela

[...] permanece a soberana do homem. Quando essa relação de soberania se inverte, o homem decai numa estranha mania de produção. A linguagem torna-se um meio de expressão. Enquanto expressão, a linguagem pode apenas ser rebaixada a simples meio de pressão. Cuidar do dizer, mesmo nessa manipulação da linguagem é, sem dúvida, positivo. Contudo, só esse cuidado não basta para nos ajudar a retornar à verdadeira relação de soberania entre a linguagem e o homem. (HEIDEGGER, 2002, p. 167)

Essa relação de soberania entre linguagem e homem foi crucial para os pré-socráticos, nomeados por Heidegger de “pensadores originários”, os quais vivenciaram uma grande novidade de espírito ao experimentarem a linguagem poética sob o horizonte do *Logos*. O pensamento poético-meditativo dos primeiros pensadores foi pautado pela linguagem do estranhamento frente ao comum e ao trivial. Tales, por exemplo, foi o primeiro a espantar-se com a mudança das coisas, e de seu espanto surgiram as primeiras indagações filosóficas sobre o mistério da vida. O que ele pensou tornou-se algo extraordinário porque se colocou no domínio do estranho; ele desacostumou-se a apenas ouvir e prestar ouvidos àquilo que já se sabia de antemão. Tales realizou o grande feito de trazer à linguagem algo que nunca foi dito. Embora cada pré-socrático forjasse um conceito para explicar a origem de todas as coisas, o conceito, no alvorecer da filosofia, ainda possuía um caráter artístico. Por isso, eles foram interpretados por Heidegger como homens que fizeram jus ao termo grego *poiesis*, pois edificaram, criaram, transformaram a cultura grega de modo artístico.

Numa proximidade com Nietzsche, Heidegger interpretou o pensamento dos chamados pré-socráticos como inauguradores de um saber filosófico no sentido de *Poiesis*. Os pré-socráticos foram os primeiros a nomear poeticamente a natureza de *Physis*, inaugurando, assim, uma visão dos entes como um todo. Em outras palavras, os pré-socráticos tomaram como prioridade do pensamento a totalidade da vida, um mistério que o saber filosófico inaugurado naquela ocasião, denominada por Heidegger de “originária”, não ousou violentar e sim problematizar na abertura da própria linguagem, proporcionando, assim, vozes dissonantes e gritos singulares em torno do ser. Dessa maneira, os conceitos formulados por cada pensador são apenas tentativas de sondar a misteriosa *Arché* da *Physis*. “Conceituar” era um exercício de pensamento, uma construção estética no sentido *poiético*, confirmando, assim, a inclinação do homem grego em exercitar uma peculiar maneira de pensar a existência a partir de seus mistérios insondáveis.

Por isso é que, para Heidegger, não é impertinente dizer que poesia e pensamento precisam um do outro ao extremo, pois pensador e poeta coexistem um no outro e possuem a singularidade de serem possuídos pela linguagem ao se deixarem conduzir pelo abismo do Nada — o lugar onde o homem é atravessado pelo pensamento, o espaço onde se experimenta a gravidade da existência. Do Nada, surge, inexplicavelmente, a poesia, e na poesia todos os sentidos conceituais se calam e o homem se faz propriedade do silêncio da linguagem, celebrando cada palavra que lhe vem ao encontro e que lhe escapa de seu domínio.

Foi justamente esse modo de compreender a linguagem poética que levou Heidegger a dialogar com a poesia de Hölderlin. Nesse diálogo, vislumbrava encontrar em seu dizer poético uma coexistência entre poeta e pensador a partir de uma linguagem que expressa a própria poesia como a morada do ser. A poesia é, desse modo, o lugar onde o pensamento não procura corrigir a existência das coisas. O poeta não aprisiona as palavras, não as embrutece; elas são frutos do *Logos* “como verbo poético” (NUNES, 1992, p. 200). Nas palavras do próprio Heidegger, “um diálogo do pensamento com a poesia é [...] possível e de tempos em tempos até necessário porque ambos encontram-se numa relação privilegiada, não obstante distinta, com a linguagem” (HEIDEGGER, 2003, p. 28). O diálogo

entre pensamento e poesia não teria como propósito oferecer uma concepção de linguagem que satisfaça uma representação a ser usada por toda parte. A dicção poética, segundo a sugestão de Heidegger, busca evocar a essência da linguagem para que o homem, atento à sua finitude, aprenda a morar novamente na linguagem sem buscar nela uma fundamentação das coisas e de si mesmo.

Essa busca pela correspondência entre poesia e linguagem é corrente na escrita de Clarice Lispector, que, de um modo próximo a Heidegger, incita-nos a fazer uma experiência com a linguagem. Trata-se de trazer à linguagem algo que nunca foi dito. O personagem não nomeado de *Um sopro de vida*, por exemplo, expressa da seguinte maneira a sua experiência com o ato de escrever: “O principal a que eu quero chegar é surpreender-me a mim mesmo com o que escrevo. Ser tomado de assalto: estremecer do que nunca foi dito por mim” (LISPECTOR, 1999, p. 72).

No romance em questão, Clarice Lispector nos apresenta um curioso diálogo entre Autor (personagem não nomeado) e sua própria personagem Ângela Pralini. O foco desse diálogo diz respeito ao doloroso e difícil processo da escrita. A labuta do escritor com as palavras circunscreve-se na fatalidade de tomar a escrita como o próprio ato de viver se esquivando das leis que regem a comunicação habitual. “A impessoalidade é uma condição”, afirma o personagem Autor do romance (LISPECTOR, 1999, p. 17). Essa condição, como lembra Heidegger em *Ser e tempo*, é o modo de ser mais frequente do *Dasein*, em que ele existe sob a condição do *agente* que exerce uma regulação niveladora da existência do ser-aí envolvido pela linguagem cotidiana.

Esquivar-se do habitual é a grande motivação para o personagem Autor e seu personagem, Ângela Pralini, ingressarem numa linguagem essencial, isto é, uma linguagem que possa abrir a possibilidade de viver uma grande novidade de espírito. “Eu não agüento o cotidiano. Deve ser por isso que escrevo”, diz o personagem Autor (LISPECTOR, 1999, p. 18-19). Nesse dizer inusitado, está contida a experiência extraordinária com a linguagem, que é um jogo de vida e morte vivido intensamente na tentativa de suplantar o cotidiano e lançar-se na linguagem em busca de um timbre de vida singular. No entanto, essa busca é solitária e silenciosa. Para se ter uma experiência com a linguagem como linguagem é preciso colocar-se no vazio e ser tocado pelo Nada de si mesmo. É nessa perspectiva que o personagem Autor de Clarice Lispector expressa sua angústia em escrever um livro:

Eu queria escrever um livro. Mas onde estão as palavras? Esgotaram-se os significados. Como surdos e mudos comunicamo-nos com as mãos. Eu queria que me dessem licença para eu escrever ao som arpejado e agreste a sucata da palavra. [...] Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou sabe. Perigo de mexer no que está oculto — e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidade do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente, mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras — quais? Talvez diga: Escrever é uma pedra lançada no poço fundo. [...] Meditação leve e terna sobre o nada. (LISPECTOR, 1999, p. 15)

Pensar em nada, longe de ser um demérito, é uma conquista de compreensão existencial da linguagem. Segundo nossa suposição, a escrita de Clarice Lispector assume a exigência de penetrar na essência da linguagem mediante o “apelo da própria linguagem”, pois ela tenta liberar a linguagem para ascender ao impenetrável que se oculta na própria linguagem. Trata-se de um conteúdo vital inseparável da reflexão sobre a linguagem enquanto “morada do ser”. Não é por acaso que um dos elementos mais ressaltados na obra de Clarice Lispector é a questão de se ultrapassar o banal e o habitual para o plano do extraordinário. Essa transformação só é possível mediante o sentimento de solidão, de angústia diante de uma falta que não se preenche, mas que faz parte do processo de criação.

Ângela Pralini, buscando uma paisagem poética na terra da linguística, na tentativa de sair da opressiva condição de impessoalidade, afirma: “Nunca vi uma coisa mais solitária do que ter uma idéia original e nova. Não se é apoiado por ninguém e mal se acredita em si mesmo” (LISPECTOR, 1999, p. 78).

Em um outro texto intitulado *A maçã no escuro*, Clarice Lispector apresenta o personagem Martim, que também labuta com o doloroso processo da escrita. No referido romance, ela descreve a situação dramática do personagem que, na mais profunda solidão, tenta explicar sua própria condição. É o querer humano em tentar transpor em palavras toda a dor e todo o mistério de existir:

Não acreditando no que não poderia explicar, franziu as sobrancelhas como se isso ajudasse a enfiar a linha na agulha. Que esperava com a mão pronta? Pois tinha uma experiência, tinha um lápis e um papel, tinha a intenção e o desejo — ninguém nunca teve mais que isto. No entanto era o ato mais desamparado que ele jamais fizera. E de tal modo ele não podia, que o não poder tomara a grandeza de uma Proibição. [...] Sem uma palavra a escrever, Martim no entanto não resistiu à tentação de imaginar o que lhe aconteceria se o seu poder fosse mais forte que a sua prudência. 'E se de repente eu pudesse?', indagou-se ele. E então não conseguiu se enganar: o que quer que conseguisse escrever seria apenas por não conseguir escrever 'a outra coisa'. (LISPECTOR, 1998, p. 172-173)

Em consonância com esse desamparo humano no ato de escrever, na tentativa de dizer algo e correr o risco de não encontrar a palavra, Heidegger, ao interpretar o poema “A palavra”, de Stefan Georg, afirma: “Onde algo falta, dá-se um rompimento, uma quebra, ocorre uma interrupção. Romper com alguma coisa significa retirar-lhe algo, deixar que algo lhe falte e falhe. Algo está faltando significa: algo está falhando” (HEIDEGGER, 2003, p. 124).

A experiência com a linguagem requer o risco de falhar, mas esse risco é o próprio drama de tentar dizer genuinamente: “é dizer de tal maneira que a plenitude do dizer, próprio ao dito é por sua vez inaugural” (HEIDEGGER, 2003, p. 12). Somente a partir da suspensão da linguagem meramente comunicativa, que Heidegger nomeia de “falatório”, é possível ouvir o apelo da linguagem, que deve ser entendida como o lugar próprio da manifestação do ser. Nessa senda heideggeriana, Clarice Lispector enfatiza:

O que sustenta e equilibra o homem são suas pequenas manias e hábitos. E dão realce a seu desenvolvimento porque tudo o que se repete muito termina por aprofundar uma atitude e a dar-lhe espaço. Mas para experimentar uma surpresa é necessário que a rotina dos hábitos e manias seja por qualquer motivo suspensa. (LISPECTOR, 1999, p. 85)

De fato, o escrever clariceano revela-se sempre como abertura, uma escrita que pulsa ao sabor da existência. Sua prosa poética é um eterno prelúdio de uma conversa com seus leitores. Autor e leitor perdem-se na imensidão da linguagem, que é a imensidão da própria vida, a imensidão da misteriosa saga humana pelos descaminhos da linguagem. É por isso que a história de suas personagens nunca tem um desfecho, nunca se conclui. Pensando a partir de Heidegger, podemos intuir que não é Clarice que domina a linguagem, e sim a linguagem que a domina. Na escrita clariceana, a linguagem se apodera de seu ser e a interpela a quebrar o enigma das coisas. Esse quebrar enigmas não esclarece nada, não é solúvel, é um jogo aberto no qual o significante é despertado por múltiplas possibilidades de interpretações e sentidos.

Esse modo insolúvel de relacionar-se com a linguagem é exemplarmente percebido em um de seus contos intitulado estranhamente de “O relatório da coisa”. Nesse conto, Lispector expressa um insólito dizer sobre o tempo. O tempo que, como ela diz, o homem precisou mensurar, “e para isso criou uma coisa monstruosa: o relógio” (LISPECTOR, 1997, p. 73). Mas o narrador afirma não se interessar

em discursar sobre relógios, pois seu dizer é um jogo aberto e imensurável, sem cronômetro, sem começo, meio e fim. Ele diz logo o que tem de dizer sem literatura; o seu relatório sobre a coisa “tempo” é “a antiliteratura da coisa” (LISPECTOR, 1997, p. 73). O relógio-despertador, criado pelo homem, torna-se guia para a existência humana e Clarice o nomeia de “Sveglia”, o nome da coisa “tempo” aprisionada na coisa “relógio”. “Sveglia” é o nome inventado por Clarice para desnothear as coisas postas no tempo cronometrado, o tempo de nossos hábitos e de nossas falas cotidianas que não consegue se desvencilhar de todo “é” que nos faz dispersar do pensamento.

Seguindo o que vínhamos observando sobre os possíveis nexos entre Heidegger e Clarice Lispector, podemos dizer que a linguagem que se manifesta nos escritos de Clarice é, de certo modo, uma “saga” no sentido heideggeriano, pois, ao dizer o que tem para dizer sem literatura, Clarice refere-se a seu modo de dizer as coisas sem cair nas malhas da linguagem habitual, que possui um caráter moral. Por isso, seus personagens não são ideais, são signos de uma existência trágica que vive do risco de criar a si mesmos a partir da experiência com uma linguagem que dribla os padrões estabelecidos, e, para tanto, é preciso coragem para fazer um pacto com a solidão e adotar o silêncio como uma necessidade vital, pois é no silêncio que escutamos o pensamento que nos vem sorrateiro transvazando nosso ser.

Isso nos leva a sugerir que a prosa poética de Clarice Lispector aproxima-se das reflexões tecidas por Heidegger na medida em que sua escrita se revela como uma provocação à nossa comodidade comunicativa. Se Heidegger pensa a linguagem em descompasso com a tradição filosófica que afirma que o pensamento é coisa da *ratio* e não da poesia, Clarice Lispector, por sua vez, pensa a linguagem em descompasso com a literatura tradicional, que também suspeita de quem escreve coisas desconcertantes, estabelece uma relação visceral com a escrita.

## REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 1993. Parte I.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida (pulsações)*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1997.

LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LISPECTOR, Clarice. *Onde estiveste de noite? (contos)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NUNES, Benedito. Hermenêutica e poesia. *No tempo do niilismo*. São Paulo: Ática, 1993.

NUNES, Benedito. *Passagem para o poético; Filosofia e poesia em Martin Heidegger*. São Paulo: Ática, 1992.

Gildete dos Santos Freitas possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual de Montes Claros (1997), especialização em Ciências Sociais Pela Universidade Estadual de Montes Claros (1998), especialização em Filosofia pela Universidade Estadual de Montes Claros (2007), Mestre em Filosofia pela Universidade Sao Judas Tadeu. Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Membro do grupo de pesquisa em História da Filosofia e participante do grupo de estudo sobre a filosofia de Nietzsche na UNIMONTES.